

# **Che Guevara e o Homem Novo**

Tirso W. Saenz<sup>1</sup>

## **Resumo**

Este artigo trabalha, a partir de um esboço biográfico de Ernesto “Che” Guevara, aspectos que nos permitam pensar sobre sua concepção de “homem novo”, uma nova perspectiva de humanidade que deveria estar no cerne da formação de uma sociedade comunista. Para tal, através de uma narrativa como aproximações de memória pessoal, procuramos ressaltar que, através de suas próprias ações, Guevara buscava demonstrar sua ideia de homem novo como seu próprio exemplo, com uma dedicação ao trabalho, aos estudos e à política. Concluimos que sua práxis estava no núcleo de sua concepção de marxismo, que atribui grande valor aos aspectos “subjetivos”, em especial à consciência e à ideologia.

**Palavras-chave:** Ernesto Guevara; Socialismo; Cuba

## **O homem novo na concepção do Che Guevara**

No seu livro *O Estado e a Revolução*, Lênin (1997, p. 27) nos lembra que Marx, assim como outros revolucionários, foram perseguidos em vida, que suas obras foram alvo do ódio mais feroz, da difamação e da mentira. No entanto, “depois da morte deles, tentam transformá-los em ícones inofensivos, canonizá-los, por assim dizer”, tudo isso para consolo e enganação dos oprimidos, ao mesmo tempo “castrando o conteúdo da doutrina revolucionária, embotando seu gume revolucionário, vulgarizando-a.” Isto, por parte da direita internacional, aconteceu durante a vida e acontece agora depois da sua morte na Bolívia, com Ernesto Che Guevara. Por outra parte, os revolucionários e as pessoas que amam e respeitam sua imagem, se referem ao Che com o nome conhecido universalmente como o “Guerrilheiro Heroico”.

Apresentar Che de forma intencional como um mito, como um sonhador, quase como um santo, algo inalcançável e que não se repetirá, alguém que deu sua vida por um ideal nobre, mas que já não tem presente nem futuro. Ao mesmo tempo, ao limitar sua

---

<sup>1</sup> Cubano. Doutor em Ciências. Ex-Vice-ministro de Indústrias da República de Cuba. Ex-Vice-presidente da Academia de Ciências de Cuba. Ex-Professor-pesquisador do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB. Colaborador de NESUCUBA, UnB.

imagem só como a de um guerrilheiro que deu a sua vida por sus ideais, se corre o risco de ignorar o seu trabalho criativo como construtor de uma nova sociedade, e ocultar, a vigência do seu pensamento e ação nos momentos atuais.

O Che, segundo Armando Hart,

Foi uma síntese de homem de ação e pensamento que transcendia na história latino-americana e lhe infundia, por sua vez, novos alentos e riquezas ao socialismo. O guerrilheiro, ou dirigente da indústria e da economia, o homem de Estado e da política, era um infatigável pesquisador, um promotor de novos pensamentos, um homem de profunda vocação intelectual (HART, 1989, pp.18-19).

No pensamento e na ação do Che, o homem aparece como centro da sua concepção integral sobre como desenvolver a nova sociedade. É necessário insistir nessa ideia para que a humanidade progressista e, em particular, as novas gerações, vejam na figura do Che a encarnação de altíssimos valores éticos e morais de solidariedade, generosidade, austeridade, exemplo pessoal, sensibilidade humana, decisão e disposição de oferecer até a própria vida pela liberação dos povos.

Che, desde o poder, concebe a luta pelo socialismo em íntima relação com as realidades do mundo, como uma dialética revolucionária consistente na criação de uma sociedade baseada em vínculos solidários, que gere uma satisfação das necessidades básicas e dos desejos de satisfação individual. Para tal, precisa combater, mediante a ação consciente e organizada, o predomínio dos vínculos mercantis, o individualismo, o egoísmo e a falta de capacidades suficientes, traços herdados do capitalismo anterior que pretende manter-se vigente. Além disso, concebe complexas relações internas entre a política, a economia, a educação, a ética, as ideologias, o conhecimento, a justiça e a conduta (MARTINEZ HEREDIA, 1989, pp.39-40).

Em uma entrevista com o jornalista uruguaio Carlos Quijano, Che indicou “os dois pilares na construção (do socialismo e do comunismo); o homem novo e o desenvolvimento da técnica” (GUEVARA, 1965a, p. 377). Esse homem novo não era o símbolo de uma pessoa, mas a expressão de massas de cidadãos com um nível cada vez mais elevado de consciência, lutando unidos na construção de uma nova sociedade. Esse homem novo vai alcançando cada vez mais um alto desenvolvimento ideológico, deixando para trás sentimentos de egoísmo; é cada vez mais solidário, com sentido patriótico, humanista, e ao mesmo tempo internacionalista disposto a dar a vida pela causa revolucionária. É modesto, austero, com profundo sentido de justiça; dedica-se com entusiasmo ao cumprimento de suas responsabilidades sociais, cívicas e políticas; deve

ser exemplo ante seus companheiros de trabalho e amigos e, sobretudo, ante sua família, para ser elemento principal na formação integral dos seus filhos; também deve estudar para dominar os avanços crescentes da ciência e a tecnologia e assim contribuir melhor nas tarefas da construção socialista. Ademais, como elemento básico neste processo “o revolucionário verdadeiro está guiado por grandes sentimentos de amor. É impossível pensar num revolucionário autêntico sem esta qualidade” (GUEVARA, 1965a, p. 382). Acrescentava Guevara: “Sem esta consciência, que engloba a do seu ser social, não pode haver comunismo” (GUEVARA, 1964, p. 252).

Como elemento fundamental para ir formando o modelando este homem novo emerge o trabalho político, orientado pela vanguarda revolucionária e pelo exemplo dos seus dirigentes. O desenvolvimento ideológico se converte no motor principal no processo de desenvolvimento da sociedade socialista e não a hipotética locomotora da economia, independentemente de sua importância na construção da base material da sociedade.

Para Guevara, a consciência é o modo fundamental de se expressar a inter-relação do homem com o meio: é uma ação consciente, predomínio do fator subjetivo organizado. Tal atributo deve prevalecer durante o período de transição ao socialismo, tendendo a homogeneizar a sociedade. A consciência é a antítese da economia. Na concepção de Che, a consciência é a alavanca fundamental, a ferramenta para lograr que as forças produtivas e as relações sociais de produção deixem de ser meios para perpetuar a dominação como era no capitalismo (GUEVARA, 1965b, pp 69-70).

Fidel Castro, de maneira sintética, brindou todo seu apoio político e moral a esta ideia, quando expressou: “criar riquezas com a consciência e não consciência com as riquezas” (CASTRO *apud* MARTINEZ HEREDIA, 1989, p. 72).

Este é um ponto central e polêmico no pensamento político-ideológico do Che, reafirmado por Fidel. Foi e continua polêmico porque dentro do chamado campo socialista e sobretudo na União Soviética, o marxismo foi tornando-se dogmático. Ideias estreitas tornaram-se predominantes durante décadas, concepções dogmatizadas, que empobreceram a teoria e privilegiaram a repetição de palavras com um efeito fatal sobre a sua função principal de instrumento científico que guie as práticas revolucionárias. Além disso, predominou a intolerância sobre critérios diferentes. O papel principal do desenvolvimento ideológico foi cada vez mais relegado a um segundo plano até praticamente desaparecer.

Para Martínez Heredia:

O homem do que fala o Che é o homem em revolução e o homem revolucionado pela ação, o ser humano que se muda ele mesmo junto com a sociedade, que se realiza na atividade revolucionária, que transcende o individualismo e o egoísmo ao exercer o trabalho, a organização, a luta, a solidariedade e os sacrifícios (MARTINEZ HEREDIA, 1989, pp. 64-65)

### **Che como exemplo e referência para a formação do homem novo**

Depois de examinar a vida e a obra do Ernesto Che Guevara, podemos dizer que ele é o arquétipo do homem novo que preconizava. Como era o Che? Trataremos de mostrar brevemente algumas das características mais importantes de sua personalidade, de seu pensamento e da sua obra, principalmente como Ministro de Indústrias nos primeiros anos da Revolução Cubana.

Uma das características pessoais mais marcantes de Guevara era a de ser um exemplo pessoal para todos seus companheiros e subordinados. Ele era o primeiro a chegar ao Ministério e o último a sair. Isso se mostrava em diferentes aspectos do trabalho: no seu estilo de trabalho e de direção, na sua modéstia, na sua austeridade, sua exigência, no cumprimento das suas responsabilidades. Mostremos alguns exemplos:

### **A discussão como método**

Para ele, a discussão individual e coletiva era uma forma de confrontar critérios, de criar um clima aberto à expressão de opiniões, de aprender, de avaliar propostas e proponentes, de desenvolver os recursos humanos, de provocar para saber se uma proposta estava bem fundamentada, de conhecer melhor as pessoas.

Observe-se, entretanto, que a discussão coletiva não eliminava a responsabilidade individual. Por exemplo, se um diretor tivesse uma posição a respeito de um assunto qualquer e, mesmo depois de discuti-la exaustivamente, a decisão que ele considerava correta não fosse compartilhada pela maioria do seu Conselho de Direção, ele tinha que assumir a responsabilidade de tomá-la, informando aos níveis superiores dessa decisão e das opiniões contrárias.

As reuniões nos Conselhos de Direção, e outras eram fóruns onde se discutiam abertamente muitas ideias e critérios. Nelas, Guevara expunha muitas das concepções que estava elaborando sobre os sistemas de financiamento, os estímulos morais e materiais, a disciplina financeira e muitos outros temas. E pedia opiniões. Os debates eram sempre enriquecedores.

Com o Che era duro discutir. Ele manejava com destreza seus argumentos, os expunha com muita clareza, sabia encontrar rapidamente os pontos fracos dos argumentos contrários. Mas nunca tratava de esmagar ninguém.

Che utilizava a discussão como método para conhecer a validade de uma proposta e, ao mesmo tempo, a qualidade da pessoa que a apresentava. Ele partia do critério de que se alguém apresentava uma proposta, esta devia estar bem concebida e elaborada. Se assim fosse, o proponente devia saber defendê-la firmemente, embora com flexibilidade, para analisar critérios opostos. Quase sempre, ante uma proposta de determinada importância, Che dizia, num primeiro momento, que não estava de acordo. Ele esperava que o proponente a defendesse. Caso este renunciasse à discussão com a primeira barreira que se lhe colocasse, aceitando, sem argumentar, as objeções, seria muito mal avaliado. Esse método de discussão resultava não só uma ferramenta fundamental de direção, mas um elemento de comprometimento com as medidas finalmente adoptadas e uma forma de contribuir a formar uma consciência coletiva e de unidade (SAENZ, 2004, pp 249-50).

### **Trabalho voluntário**

O trabalho voluntário era parte da concepção do Che sobre a construção da sociedade socialista e comunista. “O trabalho voluntário, fundamentalmente, é o fator que desenvolve a consciência dos operários mais que nenhum outro” (GUEVARA, 1970, p .334).

Um dos temas centrais de suas reflexões e dedicações práticas foi a definição do trabalho na nova sociedade, a busca das vias para superar seu caráter mercantil. Sua ideia de criar, em Cuba, o trabalho voluntário visava favorecer a tendência à desalienação do trabalho, de criação de nova consciência.

No Ministério de Indústrias se organizou a Brigada Vermelha para o trabalho voluntário. Guevara era o chefe. O compromisso dos membros – a participação nessa brigada não era obrigatória – era trabalhar 240 horas voluntárias durante um semestre, ou seja, o equivalente a cerca de 10 horas voluntárias semanais, considerando-se apenas as horas de trabalho físico em alguma atividade produtiva. As horas-extras trabalhadas na atividade administrativa própria constituíam parte do trabalho normal. A meta era dura. Para alcançá-la, era necessário participar, todas as semanas, das jornadas de trabalho voluntário que, geralmente, duravam 4 horas e, além disso, tomar tempo das férias para completar as horas de trabalho produtivo. Che, como em qualquer outra atividade, era um exemplo vivo.

Geralmente, os que realizavam trabalho voluntário se reuniam à frente do edifício do ministério, por volta das 5 ou 6 horas da madrugada, para tomar o caminhão que os levariam ao lugar onde se realizaria a tarefa do dia. Em muitas ocasiões, vimos o Che descer do seu escritório, a essa hora, sem ter dormido. Na maioria das vezes, ele montava no caminhão junto com os demais operários. Em outras poucas, viajava no seu carro para aproveitar o tempo do trajeto e dormir um pouco.

Lembro-me de um domingo em que, cortando cana, ele colocou atrás de cada um de nós um medidor para verificar a quantidade de cana cortada por unidade de tempo. No dia seguinte, no Conselho de Direção, mostrou os resultados: ele esteve entre os mais produtivos; eu, entre os últimos. Isso foi motivo de gozação para ele ao notar meu rosto envergonhado.

O trabalho voluntário tinha que ser realmente produtivo, pois ele respondia ao cumprimento de metas de produção. Em uma ocasião, se organizou o trabalho voluntário numa fábrica. Quando chegamos, não se tinha preparado uma jornada de trabalho produtiva. Para nos manter ocupados, nos indicaram recolher pedrinhas no quintal da fábrica. Guevara brigou duramente com o administrador e deu instruções para nos retirarmos de imediato (SAENZ, 2007 pp. 252-253).

### **A austeridade**

Uma das características mais distintivas do Che era sua austeridade, característica que não só exigia dos funcionários do ministério, mas que a praticava como exemplo pessoal. Um dia, em 1962, me pediu que o acompanhasse em uma visita a duas ou três fábricas de equipamentos agrícolas situadas fora do perímetro da Havana. O Instituto Nacional de Reforma Agraria (INRA), antecessor do Ministerio de la Agricultura, se queixava continuamente da qualidade dos equipamentos produzidos, além da demora nas entregas. Saímos bem cedo, por volta das 6 horas da manhã. Estava muito quente. Durante as visitas, só tomamos água e café. Cerca das 4:30 da tarde regressamos ao Ministério, bem cansados e com uma fome feroz. Fomos almoçar no pequeno salão de reuniões do ministro. Para minha grande surpresa, serviram a cada um de nós um bife com batatas fritas. Como bom argentino, uma das comidas que o Che mais gostava era bife. Como eram tempos de grande escassez, Che olhou o prato e chamou a seu secretário: “Que é isto? Esta carne não nos corresponde. Levem-na”. Com grande pena, vi levarem nossa carne. Trouxeram-nos outra coisa bem simples. O exemplo pessoal de sua austeridade marcou profundamente a todos os que trabalhamos com ele (SAENZ, 2007, pp 252-253).

## Capacitação

Che estabeleceu que os dirigentes do Ministério, em todos os níveis, deveriam ser exemplos no estudo. Uma de suas características era seguir as determinações que estabelecia. Primeiro, iniciou um curso de Matemática, toda quinta-feira, às 7 da manhã com seu grande amigo, o Professor Salvador Vilaseca. Note-se que um curso a essa hora representava um esforço grande, pois normalmente ele ficava no Ministério até altas horas da madrugada. Depois organizou um curso de Matemática Superior (Teoria de Conjuntos), toda segunda-feira às 9 da noite, do qual participamos vários dirigentes do Ministério.

Às quartas-feiras às 9 da noite, Che tomava, junto com outros dirigentes do Ministério, um curso sobre *O Capital*, de Karl Marx, ministrado por um professor, profundo conhecedor da obra marxista. Os que participavam do curso comentavam que as discussões entre o Che e o professor eram interessantíssimas, muitas vezes se prolongando até altas horas da madrugada. Na manhã seguinte, lembremos, ele participaria das aulas de Matemáticas.

Uma das tarefas fundamentais permanentes do Ministério era a disciplina financeira, para a qual se requeria que os dirigentes tivessem uma noção adequada de Contabilidade. Para isso, Che solicitou a um contador cubano, muito qualificado, integrante de sua equipe de assessores, que lhe ministrasse um curso sobre esta matéria.

Além desses cursos organizados com determinada regularidade, Che estudava pessoalmente e se assessorava com diversos especialistas sobre os processos tecnológicos mais importantes das empresas, sobre os caminhos pelos quais avançava no mundo a tecnologia, assim como as técnicas modernas de direção. Por outra parte, lia assiduamente literatura, incluindo poesia, da qual gostava particularmente.

Uma segunda-feira, no final de 1964, ao chegar ao salão de reuniões para participar do Conselho de Direção, encontramos na mesa, frente à poltrona de cada um, um livro pequeno, *Programación Lineal*, de Berriel, um autor mexicano. Perguntamos a Che para que era esse livro. Respondeu que a computação já era uma realidade no mundo, que nós não tínhamos a menor noção disso e que era necessário e urgente aprender algumas das ferramentas relacionadas com essa disciplina. Para isso, a partir da segunda-feira seguinte, às 7 da manhã, antes das sessões do Conselho de Direção, começaríamos a receber o curso. Quando lhe perguntamos quem seria o professor, respondeu: “Eu”.

Assim aconteceu. Não só se preparou para ser o professor – e bom! –, como exigia que estudássemos a matéria previamente e fizéssemos, como estudantes aplicados, os deveres de casa que ele nos indicava. Quando ele saiu para uma viagem prolongada – a última que fez oficialmente –, me nomeou como seu substituto (SAENZ, 2007, pp. 220-222).

### **O Sistema de Financiamento *Presupuestario***

As ideias centrais do Che sobre o sistema de direção econômica mais conveniente que deveria vigorar em Cuba versaram sobre a forma mais conveniente para a construção do socialismo e do comunismo em Cuba. Estas se referiam, fundamentalmente, ao sistema de financiamento orçamentário e à questão dos estímulos e à retribuição do trabalho.

Guevara insistia em não perder de vista a importância da consciência no desenvolvimento do socialismo. Esta era uma das suas maiores preocupações e frequentemente era o ponto de partida das suas discussões com os defensores do cálculo econômico nos países socialistas e na ênfase colocados por eles no desenvolvimento de categorias capitalistas no socialismo, com o interesse de estimular o desenvolvimento mais acelerado das forças produtivas. Ele não contradizia que esse aceleração não fosse possível; ao contrário, ele afirmava que isso estava demonstrado historicamente pelo próprio desenvolvimento do capitalismo, mas do que se tratava era de construir uma sociedade nova, dentro da qual deveria ir aparecendo um ser humano distinto. Isso não era possível utilizando as próprias armas gastadas do capitalismo. Por essa via se poderia alcançar o mais alto nível de produção material possível, mas nunca se conseguiria o objetivo de realização humana que significava contar com um homem novo na sociedade do futuro (BORREGO, 2001, p. 208).

Portanto, Che defendia a busca de uma alternativa nova que aproveitasse as experiências dos países socialistas mais avançados e, ao mesmo tempo, levasse em conta as originalidades do processo cubano, a especificidade da formação social capitalista de nosso país e os condicionantes externos – sobretudo a proximidade e a agressividade do imperialismo norte-americano. Desta forma, poder-se-ia acelerar o processo que conduz ao caráter socialista da Revolução, e empreender este caminho (GUEVARA, 1985, p. 124).

Para Guevara, o sistema orçamentário seria “uma forma mais eficiente de chegar ao comunismo que convenientemente desenvolvido pode aumentar a eficácia da gestão



econômica do estado socialista, aprofundar a consciência das massas e tornar ainda mais coeso o sistema socialista mundial” (*Ibidem*, p. 11-12). Portanto, o Sistema Orçamentário de Financiamento foi implantado no Ministério de Indústrias e funcionou adequadamente durante o tempo que ele foi o ministro.

### **Os estímulos morais e materiais**

A análise das concepções filosóficas, políticas e econômicas de Che sobre o papel dos estímulos morais no Socialismo, em contraposição aos estímulos materiais, estava estreitamente vinculada à sua concepção do desenvolvimento do homem novo. Ele considerava necessário, no processo de construção socialista em Cuba, dar gradualmente mais preponderância aos estímulos morais sobre os materiais, já que estes retravam o avanço da moral socialista (GUEVARA, 1985, pp 14-15).

Mostremos um exemplo de como ele manejava, na prática, esta questão. Nos primeiros anos da década de 60, entre todas as dificuldades existentes, se observava a deterioração crescente dos televisores que existiam no país, todos eles em branco e preto, de procedência norte-americana. A reposição de peças era tarefa difícil, embora a perícia de muitos técnicos aliviasse um pouco a situação. Não se recebiam ainda televisores novos do campo socialista. Esse era um meio fundamental de lazer para a população, além de veículo vital de informação e difusão de ideias.

Em 1962, o Ministério promoveu uma seleção de suas melhores empresas e operários e, para a entrega dos diplomas, organizou um ato no teatro da Central de Trabalhadores de Cuba, com a rádio e a TV transmitindo a premiação. Poucos dias antes, Guevara se deu de conta de que, salvo os diplomas, não tinha nada a dar aos operários premiados. Lembrou-se, então, de que, poucos dias atrás, um comerciante canadense que ajudava a conseguir produtos proibidos a Cuba pelo bloqueio o havia presenteado, assim como a outros ministros do Governo com um televisor pequeno. Che ligou para esses ministros e lhes explicou que realizaria a premiação dos melhores operários e que muito agradeceria se os colegas pudessem contribuir cedendo os pequenos televisores ganhos. Todos atenderam.

Na noite da premiação, os melhores operários receberam, inesperadamente, o prêmio, então, valiosíssimo: um pequeno televisor. Como Che analisava esses fatos? Sem dúvida, aqueles operários receberam um estímulo material muito valioso. Mas eles não tinham trabalhado tão arduamente para receber um televisor, ou outro valor material. Tinham se excedido pela recompensa de saber que estavam contribuindo para o avanço

da Revolução. Além disso, não era um grande estímulo moral receber publicamente, das mãos do próprio Che um prêmio, em um teatro com milhares de pessoas, em transmissão televisiva para todo o país?

### **“Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás”**

Quando eu cheguei ao Brasil, encontrei que essa frase, atribuída ao Che, era das mais conhecidas no país. Eu nunca o ouvi pronunciá-la; também não a encontrei em nenhum discurso, artigos publicados ou transcrições das reuniões no Ministério de Indústrias. Eu brincava dizendo que provavelmente ele falou a frase com algum brasileiro que depois a popularizou no Brasil. Mas, encontrando ou não essas palavras, estava seguro de que ele poderia tê-las falado.

Uma bela passagem que me contou Aleida, sua viúva, mostra muito bem como Guevara dava sentido a esse pensamento em sua vida pessoal e familiar. Ele, que era um apaixonado pela literatura e, em particular, pela poesia, gostava de recitar poemas a ela, como expressão de amor e carinho. Antes de sair de Cuba para cumprir com os seus deveres internacionalistas, deixou-lhe duas fitas com poemas declamados por ele à esposa amada. Além das fitas, ele escreveu para ela o seguinte poema de despedida:

*Adiós, mi única,  
no tiembles ante el hambre de los lobos  
ni en el frío estepario de la ausencia  
del lado del corazón te llevo  
y juntos seguiremos hasta que la ruta se esfume*

Esse homem endurecido para lutar pelos seus ideais numa guerrilha não perdeu a ternura na despedida de sua amada esposa. Disse que um revolucionário era guiado por um sentimento de amor.

### **Bibliografia**

GUEVARA, E. El socialismo y el hombre en Cuba. *In: GUEVARA, E. Obras (1957-1967)*. Tomo II. Colección Nuestra América. La Habana: Casa de las Américas, 1965.

\_\_\_\_\_. Sobre el sistema presupuestario de financiamiento. *In: GUEVARA, E. Obras (1957-1967)*. Tomo II. Colección Nuestra América. La Habana: Casa de las Américas, 1964.

\_\_\_\_\_. Sobre la ley del valor, contestando algunas afirmaciones sobre el tema. *In*: GUEVARA, E. *Escritos y Discursos*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985.

\_\_\_\_\_. Una actitud nueva ante el trabajo. *In*: GUEVARA, E. *Obras (1957-1967)*. Tomo II. Colección Nuestra América. La Habana: Casa de las Américas, 1970.

HART, A. *Prefacio*. *In*: Centro de Estudios de América Latina. *Pensar ao Che*. La Habana: Editorial José Martí, 1989.

LENIN, V. I. *El Estado y la Revolución*. Madrid: Fundación Federico Engels, 1997.

MARTINEZ HEREDIA, F. *Che, el socialismo y el comunismo*. Premio Casa de las Américas. La Habana: Casa de las Américas, 1989.

SAENZ T. W. *O Ministro Che Guevara. Testemunho de um colaborador*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

---